

LITERATURA, PODER E CONTRA-PODER¹

Elda Firmo Braga

(Dedicado à Viviane Antunes)

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. (...) ela percorre regiões que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. (COMPAGNON, 2009)

A idéia de América Latina sintetiza diversos temas, distintas perspectivas, diferentes visões da história. É uma síntese de multiplicidades e contrapontos. É como se um conjunto de autores, escritos científicos, filosóficos e artísticos, temas e interpretações nucleassem um pensamento que não só expressa, mas também constitui a América Latina. (IANNI, 1993)

A literatura atua como um elemento de transgressão ao poder da língua no tocante a construção e reconstrução da linguagem, mas também opera como uma forma de subversão às esferas do poder institucionalizado. No primeiro caso por romper as regras linguísticas e atingir a subjetividade do leitor gerando a produção de novos sentidos. No segundo por figurar como um espaço de denúncia contra a injustiça social.

Em ambas as manifestações, a literatura rompe com paradigmas e transgride normas estabelecidas. Nesse contexto, o papel do escritor intelectual ganha uma considerável importância, pois ele pode criar, por meio da arte

¹ Este texto é fruto da tese de doutorado intitulada *As dimensões estéticas da pentalogia “La guerra silenciosa”*: um espaço literário de resistência humana e de motivações ecológicas, defendida em dezembro de 2010, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ).

literária, um espaço para exercitar a liberdade e a subjetividade e, também, evidenciar uma atitude de contra-poder.

Compartilhamos do pensamento de Eagleton (2003) no que diz respeito a sua crítica sobre as tentativas de converter a literatura ao utilitarismo, para ele: “poucas palavras são mais ofensivas aos ouvidos literários do que ‘utilidade’, que evoca objetos de uso como grampos de papel e secadores de cabelo” (p.286). Longe de pensarmos a literatura como um mero instrumento para alcançar devidos fins, refletiremos sobre algumas de suas contribuições, sobretudo aquelas que rompem qualquer manifestação de poder. Para tanto, recorreremos às seguintes palavras de Barthes (2007):

As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua (p.16-7).

Assim, não basta um escritor ter a intenção de elaborar uma obra literária visando apenas à denuncia social. É preciso que elementos artísticos como a subversão das palavras, o jogo de linguagem e a criação de imagens, entre outros, componham sua criação, caso contrário essa produção poderá se converter em uma obra panfletária desprovida de senso estético-literário.

Fischer (2002) afirma que a arte expressa “uma relação mais profunda entre o homem e o mundo” (p.10). A literatura, como uma modalidade artística, tem um forte potencial para contribuir com o (re)estabelecimento dessa relação, pois, de acordo com Compagnon (2009), a linguagem literária é “um exercício de pensamento” e a leitura “uma experimentação dos possíveis” (p.52), mas poderemos acrescentar que se trata também de uma prática libertadora, visto que é considerada por Almeida (2009), como “um ato de pura insolência que conduz à destruição da própria linguagem para redimensioná-la e remoldá-la através da experiência” (p.49-50).

Segundo Cândido (2002), a literatura pode contribuir para o processo de humanização² ou de confirmação da humanidade dos indivíduos. Ressalta, no entanto, que a expressão literária “não ‘corrompe’ nem edifica, (...) mas, trazendo livremente em si o que chamamos de bem e o que chamamos de mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (p.85), também retrata uma determinada “realidade social e humana, que [permite] maior inteligibilidade com esta realidade” (p.85-6).

Por essa capacidade de ser um espaço de reflexão sobre as complexidades do mundo referencial, conforme Cândido (2004), a literatura “confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (p.175). Sendo assim, a produção literária forma uma “massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos” (p.182).

Por meio de seu caráter transgressivo, a criação literária promove um deslocamento de sentidos solidificados pelo uso cotidiano da fala e/ou da escrita, contribuindo, dessa maneira, tanto para uma legítima inovação de sua linguagem quanto para uma autêntica atualização da língua. Sendo assim, conforme Barthes (2007), “as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, [e sim] lançadas como projeções, explosões, sabores: a escritura faz da literatura uma festa” (BARTHES, 2007, p.20).

Nessa perspectiva, Paz (2005) considera que a “volta das palavras à sua primeira natureza – isto é, à sua pluralidade de significados – é apenas o primeiro ato da criação poética” (p.47). De forma semelhante Fischer (2002) observa que diversas palavras utilizadas na criação poética “aparecem como brotadas diretamente da ‘fonte’ e produzem um efeito semelhante ao que produziriam se estivessem sendo ditas pela primeira vez” (p.191).

² Cândido (2004) define humanização como “processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p.180).

As citações anteriores vinculam a expressão literária à inovação linguística, por entenderem que a literatura traz um frescor às palavras, pois (re)criar sentidos é também (re)criar a linguagem. Nessa perspectiva, a literatura é detentora de um autêntico poder de renovação da linguagem, pois ao estimular a atribuição de novos sentidos para determinados enunciados, atualiza a língua.

Assim sendo, poderíamos estabelecer um contraste entre a renovação da linguagem e a seguinte noção de estereótipo apresentada por Barthes (2004): "palavra repetida, fora de toda magia, de todo entusiasmo, como se fosse natural" (p.52). Dessa maneira, para Barthes (2004), "toda linguagem antiga é imediatamente comprometida e toda linguagem se torna antiga quando é repetida" (p.50). Nesse mesmo sentido, Almeida (2009) considera que a literatura proporciona "uma forma de resistência aos destinos enregelados da linguagem, representados pelo estereótipo, a língua maior, a naturalização da linguagem, a utilidade e a funcionalidade que tanto caracteriza a linguagem de poder" (p.19).

Essas reflexões nos permitem pensar o papel social da criação literária no tocante a sua elaboração, escrita e receptividade. A literatura, ao transgredir os limites impostos pela rigidez normativa da língua, outorga outros sentidos para um determinado significado linguístico, projetando novos valores por meio da exploração do efeito polissêmico e de renovação de estruturas automatizadas.

De acordo com Eagleton (2003), "a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana" (p.3). Nessa mesma direção, Almeida (2009) aponta que a literatura possui um forte potencial transgressivo, pois quando atua à maneira de uma "escrita insolente" tem a capacidade de "sabotar" o automatismo da linguagem e, desse modo, "faz as palavras se metamorfosearem, tecendo relações intensas e, às vezes, incomuns, que proporcionam uma ruptura com os usos costumeiros da linguagem" (p.62).

A arte literária é detentora de um poder significativo, o de tocar nas dimensões da subjetividade, mobilizando e forjando sensibilidades. Dessa maneira, além da leitura literária fornecer uma esfera de criação e recriação, oferece também uma forma de acesso a uma experiência de alteridade, pois a partir do encontro que o leitor estabelece com um texto literário, terá a oportunidade de se identificar com o que lê e regressar ao mundo referencial marcado pela presença do "outro", representado aqui pelo texto lido, que poderá ressonar por um tempo indeterminado em sua mente, como também, por meio de uma invocação, dialogar com outras leituras, anteriores e posteriores e, assim, sucessivamente.

Outra contribuição importante do texto literário diz respeito ao seu desempenho como um fator social, pois a literatura possui um significativo potencial para projetar a voz e dar visibilidade a grupos sociais marginalizados. No tocante mais especificamente a América Hispânica, Diogo (2005) afirma que:

O escritor, leitor da cultura e da história hispano-americanas, deve (...) penetrar no silêncio, ouvir as palavras que foram caladas, dar-lhes voz, traduzindo por meio da ficção o vazio que se estabeleceu entre o mito e a realidade, entre o mundo primitivo, baseado na tradição oral, e o mundo contemporâneo, espaço-tempo do registro escrito e da verdade histórica (DIOGO, 2005).

Sob o ponto de vista econômico, a América Latina é vista como uma região agro-exportadora desde o período colonial. No passado os recursos latino-americanos ajudaram na consolidação do sistema capitalista. Atualmente muitos países da região seguem como fornecedores de matérias-primas para a Europa, os Estados Unidos e a China. Ainda que esse cenário venha vagarosamente se modificando, a região proporcionou e continua proporcionando uma significativa contribuição para o desenvolvimento e a acumulação de riquezas para os países centrais do sistema capitalista.

A relação de dependência econômica que se estabeleceu entre a América Latina e os países desenvolvidos trouxe, durante muitas décadas, consequências nefastas, não apenas por conta da exploração dos recursos

naturais exportados, mas principalmente pelo fato de esses recursos gerarem riquezas que não são distribuídas entre as populações locais, ocasionando, dessa forma, por um lado, uma elite econômica próspera e, por outro, imensos bolsões de miséria.

Embora vários países latino-americanos se autodenominem capitalistas, o modelo desse sistema econômico vigente na região é periférico e está atrelado ao capitalismo central que detém o poder de compra dessas riquezas. Nesse sentido, a economia local está vinculada ao mercado consumidor mundial, do qual fazem parte as nações capitalistas modernas que dão forma a uma geopolítica imperialista³ e exercem um poder de domínio sobre a América Latina.

Duas configurações se apresentam, uma diz respeito aos países capitalistas desenvolvidos e a outra às nações em desenvolvimento que fazem parte das denominadas dependentes, cuja população sofre influência direta dos interesses e das decisões tomadas à distância, o que as tornam impotentes e submissas ao mesmo tempo.

As vozes que ousam denunciar a cobiça alheia sofrem continuamente com a censura e, muitas vezes, são silenciadas de forma violenta ou até mesmo fatal. Vejamos:

O contexto de violência e injustiça em que se desenvolveu sempre a história latino-americana exigiu um posicionamento de seu artista e, mais especificamente, do escritor. Detentor de um poder – o da palavra – cedo percebeu que a neutralidade era impossível (LUNA, 1989, p.25).

Assim sendo, a literatura exerce um papel muito importante quando opta por revelar a versão oculta, negada, visto que “ao nos dar uma visão total da realidade, transmite-nos a heterogênea multiplicidade do real e coloca-se como um princípio de liberdade criadora” (JOZEF, 2006). Na mesma direção,

³ Eagleton (2003) amplia a noção de imperialismo ao ressaltar que seus domínios não se estendem somente “[à] exploração da força de trabalho barata, de matérias primas e dos mercados fáceis, mas [ao] deslocamento de línguas e costumes – não apenas a imposição de exércitos estrangeiros, mas também de modos de sentir que lhes são estranhos. Ele não se manifesta apenas nos balanços das companhias e nas bases militares, mas pode ser identificado nas raízes íntimas da fala e da significação” (p.295).

García Márquez (1968) opina que, no contexto latino-americano, essas realidades possuem “diferentes aspectos (...), cada um de nós está tratando diferentes aspectos dessa realidade. É nesse sentido que eu acredito que o que estamos fazendo é um só romance” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1968, p.38). Dessa forma podemos compreender a práxis literária como uma linguagem artística que cria uma possibilidade de evidenciar e interpretar as várias faces dos fenômenos e das realidades político-sociais.

Na América Latina, por meio da arte da palavra, bem como de outras linguagens artísticas engajadas, cria-se um acesso a fatos não privilegiados pela história oficial ou pelo espaço jornalístico. Dessa maneira, uma parte significativa das obras literárias latino-americanas traz um determinado nível de representação das minorias sociais e também atua como fonte de denúncia dos problemas existentes na região.

A literatura é caracterizada por Losada (1976) como um “conjunto com certa unidade intrínseca e com referência essencial a sua sociedade” (Prólogo). Losada (1976) acrescenta ainda que a linguagem literária, além de expressar a subjetividade⁴ e apelar para a sensibilidade, “funda pela Palavra, ao nível da consciência, a existência social de quem a cria e daqueles que a identificam como própria” (p.89). A literatura é uma construção subjetiva e também social, em que o autor tem de tomar uma posição, seja ela reacionária, progressista ou evasiva.

Nesse sentido, García Márquez (1968) enfatiza que um escritor, quando se evade de sua ideologia⁵ ou dos problemas existentes na sociedade, não contribui para que, por meio de sua produção literária, o “leitor entenda melhor qual é a realidade política e social de seu país ou de seu continente, de sua sociedade” (p.43). Assim sendo, para este autor, a função política do escritor

⁴ Subjetividade: “efeito de uma figuração tendente ao heteronômico em que se desestabilizam as fronteiras do subjetivo, do racional e do afetivo, do interior e do exterior, do individual e coletivo, do privado e do público, de modo a propor possibilidades novas de compreensão partilhada da solidão e do isolamento” (PEDROSA; ALVES, 2008, p.08).

⁵ Eagleton (2003), considera ideologia como a “maneira pela qual aquilo que dizemos e no que acreditamos se relaciona com a estrutura de poder e com as relações de poder da sociedade em que vivemos” (p.20).

deveria ser a de explicitar e discutir tal realidade⁶ ou até mesmo de tentar subvertê-la, pois, a partir de uma perspectiva social, a literatura é subversiva quando opta por contrapor-se aos valores estabelecidos e no momento em que oferece outras formas de se perceber o mundo e a sociedade. Entretanto, mesmo quando tem a pretensão de ser evasiva, trata-se de uma criação artística que parte de uma realidade concreta cuja concepção ideológica revela-se através do texto literário.

Em outro sentido cabe ressaltar que o texto literário proporciona aos leitores uma oportunidade de revelar sua própria realidade, ainda que muitas vezes poucos consigam enxergar. A literatura pode contribuir para alterar uma percepção e, ao mesmo tempo, fornecer subsídios para o desenvolvimento ou ampliação da consciência humana sobre determinados fatos existentes, como observa Losada (1976):

...as formas literárias são, em primeiro lugar, objetivação e institucionalização de formas de consciência e de existência social. Não somente são "criações" artísticas ou linguísticas senão, sobretudo, um modo de estabelecer, ao nível da consciência, relações entre os homens (p.173).

Existem diversas realidades latino-americanas: as rurais, as urbanas, as vinculadas à condição social de determinados povos, entre outras, e cada uma delas possui uma amplitude de contornos e de ângulos diferentes. Na medida em que cada autor se proponha a retratar um aspecto específico dessa região, um amplo conjunto de escritores poderia construir, por meio da ficção, uma legítima "enciclopédia" sobre a América Latina.

Segundo Portuondo (1979), "não há escritor ou obra importante que não se volte para a realidade social americana, e até os mais evadidos têm um instante apologético ou criticista diante das coisas e das pessoas" (p.403). O mesmo autor também ressalta que no universo literário existe uma "interação entre as letras e a vida, entre a literatura latino-americana e o meio em que esta surge" (p.408).

⁶ "A realidade, no sentido do artista, é sempre algo criado, embora o real empírico constitua um referente do qual o autor se serve para a sua criação" (JOZEF, 2006).

Dessa forma, o escritor desempenha um significativo papel no cenário político-histórico da América Latina, quando se propõe a dar visibilidade às injustiças e aos problemas sociais existentes na região e ao criar um espaço de sensibilização e debate, contribuindo para maior compreensão, a partir de outra perspectiva, a artística, das diferentes realidades, dos diversos aspectos que compõem essas realidades e suas respectivas contradições, já que por meio da literatura, podemos atingir um universo diferente do mundo referencial o qual estamos inseridos e com isso penetrarmos em outras esferas, pois, como uma expressão artística, o texto literário propicia novas experiências ao estimular outro olhar sobre um determinado fenômeno.

Assim sendo, a literatura provoca, então, uma importante experiência para o leitor ao mobilizar a esfera subjetiva, por meio do exercício de (re)criação de sentidos provocados pela linguagem polissêmica do texto literário, como também ao proporcionar uma possibilidade de projeção e interpretação de acontecimentos político-sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Aula*. Tradução de Leila Perrone. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

_____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas cidades, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para que?* Tradução de Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DIOGO, Rita de Cássia Miranda. El Naranjo: a articulação entre ficção e tradução cultural na narrativa de Carlos Fuentes. In: **Revista Hispanista**, n. 23, out./Nov./dez. de 2005. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/revista/artigo182esp.htm> - acessado em setembro 2010.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura – Uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Tradução de Von Notwendigkeit der Kunst. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel; VARGAS LLOSA, Mario. *La novela en América Latina: Diálogos*. s/c (Perú), Universidad Nacional de Ingeniería, 1968.

IANNI, Octavio. *O labirinto latino-americano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

JOZEFF, Bella. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006.

LOSADA, Alejandro de. *Creación y Práxis – La producción literaria como praxis social en Hispanoamérica y el Perú*. Lima: UNMSA, 1976.

LUNA, Cláudia Heloisa Impellizieri. *A Espiral do Tempo – A dança imóvel nas encruzilhadas do romance hispano-americano*. Dissertação de Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas. UFRJ, 1988.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PORTUONDO, José Antonio. Literatura e sociedade. In: FERNANDEZ MORENO, César (coord.). *América Latina em sua literatura*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva S.A., 1979.